

The background of the entire page is an abstract, vibrant composition of numerous fine, radiating strokes of color. The colors transition from bright yellow and orange at the top, through deep reds and pinks in the middle, to rich purples and blues at the bottom, creating a sense of dynamic energy and movement.

La Comédiathèque

De todas as cores

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**O texto desta peça está disponível para download gratuito.
No entanto, os direitos de representação, que constituem uma justa remuneração pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal.
Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é obrigatório solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.
Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras:**
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>
<http://comediathèque.net/formulario-de-contacto-2/>

De todas as cores

Comédia de sketches

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Até 30 personagens (homens ou mulheres)

1. A cores.....	3
2. Votar em branco.....	5
3. Preto corvo.....	6
4. A vida cor-de-rosa.....	10
5. Cartão Azul.....	13
6. Pele-vermelha.....	16
7. Ousar o amarelo.....	19
8. Céu verde.....	20
9. Laranja bem madura.....	22
10. Violetas.....	24
11. Preto é preto.....	26
12. Matéria cinzenta.....	28
13. O quarto malva.....	30
14. Bem douradinho.....	35
15. Está tudo claro.....	39
16. A preto e branco.....	43

© La Comédiathèque

1. A cores

Uma personagem espera. Outra chega com um bebé embrulhado numa manta.

Um – Parabéns! É uma menina.

Dois – É maravilhoso.

Pega no bebé ao colo.

Um – E como é que lhe vão chamar?

Dois – Hesitei entre Clementina e Olívia, mas acabei por me decidir por Violeta.

Um – Violeta... É... É muito bonito.

Dois – Era o nome da minha avó...

Um – Ah, sim... *(Abre uma pasta.)* Bem... Parece-me que está tudo em ordem.

Dois – Então posso levá-la para casa?

Um – Claro que sim, é sua. *(Tira um documento da pasta e entrega-lho.)* Aqui tem o certificado de garantia.

Dois – Obrigada...

Um – Se tiver o menor problema, não hesite em trazê-la de volta. O nosso serviço pós-venda tem uma excelente reputação em todo o mundo. No caso muito improvável de surgir algum defeito, não se preocupe: poderemos proceder a uma substituição por um modelo equivalente.

Dois – Espero sinceramente que não cheguemos a esse ponto... Acho que já estou a começar a afeiçoar-me a esta...

Um – Claro, claro... *(Dá uma última vista de olhos à pasta.)* Mas... estou a ver que não escolheu a opção «visão a cores»... Foi um esquecimento ou...?

Dois – Visão a cores?

Um – Sim, claro... Para que a sua filha possa ver o mundo com todas as maravilhosas cores com que Deus o dotou...

Dois – Eu... Lamento imenso... Não sabia que era uma opção à parte...

Um – Não é uma necessidade absoluta, evidentemente, mas há que reconhecer que é uma melhoria muito apreciável. Propomos vários níveis de qualidade, em função do número de píxeis. E, naturalmente, do preço da subscrição...

Dois – Ah, mas é uma subscrição...?

Um – Infelizmente, neste mundo nada é realmente para sempre, não é verdade? Mas garanto-lhe que a versão premium é absolutamente fantástica.

Dois – No tempo da minha mãe, a cor não era opcional...

Um – É verdade. Antigamente, o modelo de base vinha equipado de série com visão a cores. Mas, como sabe, os tempos mudaram...

Dois – Pois... Hoje em dia, paga-se tudo.

Um – Felizmente, o 3D continua incluído de série.

Dois – O 3D?

Um – Quanto à cor, ainda vamos a tempo de corrigir esse pequeno esquecimento. Uma breve passagem pela maternidade, um toque de bisturi eletrônico, duas injeções transgênicas, e os nossos técnicos médicos permitirão que esta linda menina veja a vida a cores...

Dois – Receio que, neste momento, seja impossível. Não tínhamos previsto essa despesa no orçamento e...

Um – Compreendo... Infelizmente, nem todos os bebês que nascem hoje têm a sorte de ter pais abastados.

Dois – E com os seguros de saúde, que cada vez cobrem menos coisas...

Um – Vá, também não é assim tão grave... Por enquanto, a menina terá de se contentar em ver o mundo a preto e branco, só isso. E quando tiverem conseguido poupar algum dinheiro... Lembre-se de que esta opção pode ser acrescentada em qualquer momento da vida dela. No Natal, num aniversário, num bat mitzvah... Já têm o presente perfeito para a vossa querida Violeta!

Dois – Está bem, vou pensar nisso.

Prepara-se para sair com o bebé.

Um – E não se esqueça de que, se quiser, o nosso departamento financeiro pode propor-lhe um pequeno crédito a quinze ou vinte anos...

2. Votar em branco

Duas personagens olham para um cartaz eleitoral imaginário.

Um – Branco... Que apelido estranho...

Dois – Inspira confiança. Branco... Faz lembrar uma marca de detergente...

Um – Mas quando alguém se candidata a umas eleições... «Vote Branco»... Há slogans melhores para conseguir votos...

Dois – Também é verdade que ele não tem um programa muito definido...

Um – Achas que pode ser eleito...?

Dois – Encarna na perfeição as aspirações da maioria silenciosa. Vai levar os abstencionistas às urnas. E, além disso, tem um ar de cidadão comum. As pessoas identificam-se com ele. Isso tranquiliza-as.

Um – Mas o que é que ele vai fazer se chegar ao poder?

Dois – Ah, isso deixou muito claro. Nada! E jurou que, desta vez, uma promessa eleitoral será cumprida.

Um – Então por que é que se candidata, exatamente?

Dois – Para fazer triunfar as suas ideias!

Um – As suas ideias...?

Dois – Há anos que defende que o voto em branco seja reconhecido como um voto de pleno direito... Como nunca lhe deram ouvidos, decidiu candidatar-se ele próprio. É preciso reconhecer que é corajoso. Pelo menos leva a lógica até às últimas consequências...

Um – E tu, o que achas?

Dois – Estou dividido...

Um – Vais abster-te?

Dois – É o que faço há anos, mas desta vez... Seria uma forma de apoiar as ideias dele... Não, ainda estou indeciso...

Um – Eu penso um pouco como tu... Hoje em dia, quando alguém tem convicções a sério... é difícil não aparecer alguém a apropriar-se delas...

3. Preto corvo

Duas personagens.

Vincent – Sabes por que é que Van Gogh cortou a orelha?

Paul – Quem?

Vincent – Van Gogh!

Paul – O pintor?

Vincent – Porquê? Conheces algum Van Gogh que seja cabeleireiro, talhante ou ciclista profissional?

Paul – Não...

Vincent – É estranho, mesmo assim...

Paul – Não haver nenhum talhante chamado Van Gogh?

Vincent – Ele ter cortado a orelha!

Paul – E por que é que fez isso?

Vincent – Foi isso que acabei de te perguntar...

Paul – E como é que eu hei de saber?

Vincent – Dizem que a ofereceu a Gauguin, embrulhada em papel de jornal.

Paul – Mais valia tê-la oferecido a Beethoven.

Vincent – Beethoven não era pintor.

Paul – Não. Mas era surdo. Nunca leste teatro do absurdo?

Vincent – Não...

Paul – Pensando bem, Van Gogh não vendeu um único quadro em vida.

Vincent – Normal, se escrevia peças de teatro.

Paul – Van Gogh! Talvez tenha sido por isso que cortou a orelha.

Vincent – De desespero?

Paul – A verdade é que não conheço ninguém que tenha tentado suicidar-se cortando uma orelha...

Vincent – Talvez tenha tentado cortar a garganta, falhou e a orelha é que pagou. Há pessoas muito desastradas.

Paul – E teria inventado essa história toda para não passar por incompetente? Um bocado rebuscado, não?

Vincent – Além disso, Van Gogh ainda nem sequer tinha nascido quando Beethoven morreu. Não vejo como poderia ter-lhe dado a orelha...

Paul – Ou então cortou-se a fazer a barba. E depois fizeram disso um escândalo só porque era Van Gogh.

Vincent – Quando eu corto uma orelha, ninguém fala nisso...

Paul – Os quadros dele não são maus, mas enfim... Valem mesmo o que custam?

Vincent – Se ninguém lhos comprava quando ele era vivo, talvez não fosse por acaso.

Paul – De certeza que eles é que tinham razão. Um Van Gogh não valia nem um prego. Nem sequer o prego para pendurar o quadro...

Vincent – Nem a corda para o enforcar a ele.

Paul – Ele enforcou-se?

Vincent – Quem?

Paul – Van Gogh!

Vincent – Não, porquê?

Paul – Esquece...

Vincent – E Beethoven? As pessoas compravam a música dele enquanto era vivo?

Paul – Sim, mas enfim, Beethoven... fazia mais música clássica...

Vincent – A música clássica vende-se sempre.

Paul – Nunca está muito na moda, por isso envelhece mais devagar.

Vincent – É o que eu digo sempre à minha mulher. Os clássicos nunca passam de moda.

Paul – Mas Van Gogh...

Vincent – Envelhece mal.

Paul – Como Picasso.

Vincent – Que adorava touradas...

Paul – Normal, era espanhol.

Vincent – Dizem que, afinal, talvez tenha sido Gauguin quem cortou a orelha a Van Gogh. Com um golpe de espada... E que foi precisamente por isso que se pôs a andar para o Taiti.

Paul – Gauguin também gostava de touradas?

Vincent – Porquê? Há touradas no Taiti?

Paul – Por causa da orelha! E da espada...

Vincent – Achas que, num momento de loucura, Gauguin podia ter-se julgado Picasso e confundido Van Gogh com um touro...?

Paul – Gauguin não era louco. O louco era Van Gogh.

Vincent – A prova é que se suicidou...

Paul – Uma pessoa pode suicidar-se sem ser louca...

Vincent – Deu um tiro em si próprio no campo.

Paul – Não deu um tiro no coração?

Vincent – Sim, no campo. Com os corvos. Foi até o último quadro que pintou.

Paul – E no quadro vê-se Van Gogh a suicidar-se?

Vincent – Só se veem os corvos a esvoaçar à volta dele.

Paul – Como abutres...

Vincent – Eles sentem essas coisas... É instinto... Sabes que vivem imenso tempo?

Paul – Os abutres?

Vincent – Os corvos!

Paul – Mais do que um pintor, pelo menos...

Vincent – Depende. Olha para Picasso. Viveu quase cem anos.

Paul – Bem, chega de conversa, que eu tenho trabalho. O que é que te faço hoje, Vincent...?

Vincent – O mesmo de sempre, Paul.

Paul – Bem curto atrás das orelhas?

Vincent – Mas não demasiado...

Paul – Digamos que te deixo as orelhas.

Vincent – Isso.

Paul – Mas se tiver de te cortar uma, qual preferes que eu deixe?

Vincent – Qual foi a orelha que Van Gogh cortou?

Paul – A esquerda.

Vincent – Então deixa-me a direita... Se eu quiser ter alguma hipótese de ficar para a posteridade. Tens o jornal?

Paul – Para embrulhar a tua orelha?

Vincent – Para ler...

Paul – Se eu te cortar uma orelha, achas que vais aparecer no jornal?

Vincent – Não...

Paul – E se te cortar as duas?

Vincent – Não necessariamente...

Paul – E se te cortar as duas orelhas e o rabo?

Vincent – Numa praça de touros, talvez...

4. A vida cor-de-rosa

Uma personagem chega e planta-se diante de outra que já ali está.

Um – Doutor, já não aguento mais. Tem de me ajudar.

Dois – Estou a ouvi-lo...

Um – Bem... Não sei muito bem como lhe explicar... Há já algum tempo... vejo a vida cor-de-rosa.

Dois – Ah... Não é muito habitual, de facto. Normalmente as pessoas vêm consultar-me porque veem tudo negro.

Um – Não, mas no meu caso, doutor, não é apenas uma maneira de falar, garanto-lhe. Eu vejo mesmo tudo cor-de-rosa.

Dois – Ora essa...

Um – A minha casa é cor-de-rosa, o meu carro é cor-de-rosa, a minha mulher é cor-de-rosa, o meu cão é cor-de-rosa...

Dois – Está bem... Mas diga-me, senhor...

Um – Rosa... Sim, eu sei, no meu caso tem graça...

Dois – Rosa?

Um – Sabe... por eu ver tudo cor-de-rosa...

Dois – Ah, sim, claro... E... acha que o seu apelido pode ter alguma coisa a ver com isso...?

Um – Não faço ideia. Acha que pode estar relacionado?

Dois – Bem, depende... Acha que pode estar relacionado?

Um – Não, mas comigo, doutor, não é uma questão de, de vez em quando, ver a vida cor-de-rosa. É permanente, percebe?

Dois – Compreendo... E... está a tomar algum medicamento neste momento, senhor Rosa?

Um – Não... Nenhum...

Dois – Desculpe perguntar-lhe, mas... nenhuma substância alucinogénica?

Um – Nada, garanto-lhe... Por precaução, até deixei de beber vinho. Sobretudo rosé, claro... Mas não adianta.

Dois – É curioso, de facto... E portanto... incomoda-o.

Um – Claro que me incomoda! É extremamente incapacitante, nem imagina! Pode até ser perigoso! Veja, por exemplo: vou a conduzir e chego a um semáforo. Para mim, todas as luzes são cor-de-rosa! Então o que faço? Paro e levo com buzínadelas? Avanço e levo uma multa?

Dois – Estou a ver...

Um – Imagina-me a explicar à polícia: «Desculpe, passei no cor-de-rosa»?

Dois – Compreendo...

Um – E depois, ver a vida cor-de-rosa está bem durante cinco minutos... Mas ao fim de algum tempo torna-se muito monótono...

Dois – E a monotonia pode tornar-se rapidamente muito deprimente.

Um – Quando vai ao cinema, quer ver um filme a cores, não quer? Pois eu só vejo cor-de-rosa.

Dois – Já experimentou filmes a preto e branco?

Um – Sim... Para mim são cor-de-rosa claro e cor-de-rosa escuro.

Dois – Estou a ver... E com óculos escuros?

Um – Cor-de-rosa visto através de óculos escuros.

Dois – Estou a ver...

Um – Pode parar de dizer «estou a ver»? Põe-me nervoso, está a ver?

Dois – Desculpe...

Um – Estou a ver muito bem que o senhor não está a ver nada!

Dois – Infelizmente, a medicina ainda não tem resposta para tudo. E devo reconhecer que... provavelmente se trata de uma doença rara...

Um – Uma doença rara?

Dois – Uma dessas doenças genéticas de que ninguém quer saber porque só afetam uma ou duas pessoas no mundo inteiro.

Um – Obrigado por me animar, doutor. Está a ajudar imenso.

Dois – Vá, não veja tudo negro... Perdão, quero dizer... Já pensou alguma vez em suicídio?

Um – Acha que é a única solução que me resta?

Dois – Desculpe, não era isso que eu queria dizer, mas... se tem pensamentos negros... posso receitar-lhe um antidepressivo.

Um – Pois... E uma baixa médica?

Dois – Acha que...?

Um – Um pouco de descanso nunca fez mal a ninguém, pois não?

Dois – Tem a sensação de estar esgotado?

Um – Agora que fala nisso, doutor, é verdade que... estou à beira de um burnout.

Dois – Estou a ver... E quanto tempo acha que precisaria? Quero dizer, para deixar de ver a vida cor-de-rosa...

Um – Não sei... Uma semana acha que chega?

Dois – Bem, no seu caso...

Um – Está bem, já que insiste, digamos um mês. É mais prudente.

Dois (*preenchendo a baixa médica*) – Quatro semanas, então.

Um – Não é que isso me entusiasme, mas... acho que me vai fazer bem, não lhe parece?

Dois – Volte a ver-me quando regressar de férias e veremos se o seu estado melhorou.

Um – Mando-lhe um postal, prometo.

Dois – E quanto aos antidepressivos, o que fazemos? Sabe, pode-se ver a vida cor-de-rosa e ter pensamentos negros ao mesmo tempo.

Um – Obrigado, mas acho que vou tentar passar sem eles. Não queria contribuir ainda mais para o défice da saúde pública.

Dois – Esse civismo honra-o, meu caro senhor. (*Estende-lhe a baixa médica, mas deixa-a cair no chão.*) Desculpe... (*Apanha a folha e volta a levantar-se.*) Bem, então... Boas férias, senhor Rosa.

Um – Muito obrigado, doutor. Só de ter falado consigo, parece-me que já estou melhor.

O médico volta a hesitar antes de lhe entregar o documento, que o outro espera com impaciência.

Dois – Já não vê a vida cor-de-rosa?

Um – Vejo... Mas agora, pelo menos, sei porquê...

Dois – Uma última pergunta, senhor Rosa... Onde vai passar férias?

Um – A Jaipur. Nasci lá. Fui transferido para aqui por causa do trabalho, mas nunca consegui adaptar-me. Sou como as aves migratórias: no inverno preciso de voar para sul.

Dois – Jaipur...

O médico retira o documento.

Um – Há algum problema?

Dois – Jaipur, a Cidade Rosa... (*Rasga o documento.*) Lamento imenso, senhor Rosa, mas sinceramente, no seu caso parece-me totalmente contraindicado...

5. Cartão Azul

Uma mulher anda de um lado para o outro, vestida de azul (incluindo as meias). A roupa um pouco provocante e as suas idas e vindas podem fazê-la parecer uma prostituta a fazer a rua. Chega um homem de fato. Hesita um pouco e aproxima-se dela.

Um – Boa noite... Desculpe perguntar, mas... aceita o Cartão Azul?

Dois – Não, só aceito American Express.

Um – Ah... Desculpe, é que não tenho dinheiro nenhum comigo... Sabe se há alguma caixa aqui perto?

Dois – Uma caixa de quê?

Um – Uma caixa para levantar dinheiro... Quer dizer, dinheiro vivo... Um multibanco, pronto...

Dois – Na esquina, ali. Há um Banco Meridian.

Um – Obrigado, eu... Que coincidência, sou cliente do Banco Meridian... Vou ali num instante...

Dois – Como quiser...

Um – Muito bem... Mas de repente assalta-me uma dúvida terrível. A senhora é Emmanuelle, certo?

Dois – Eh... Sim... Já deve imaginar que não é o meu nome verdadeiro, mas...

Um – Perfeito. Então é mesmo a pessoa que eu tinha pedido... Quero dizer, com quem falei ao telefone... Está bem, não saia daqui, volto já...

Afasta-se. Ela continua a andar de um lado para o outro. O telemóvel toca e ela atende.

Dois – Sim? Mas onde é que estás? Não encontraste lugar para estacionar? Está bem... Não, estou aqui em frente de casa. Não encontro as chaves, imagina. Devo tê-las deixado no porta-luvas. Sim, sim, estou bem... Enfim... acabou de me abordar um tipo. É verdade que não estou propriamente vestida para andar sozinha pela rua, mas vais rir-te: confundiu-me com uma prostituta... Não, não, fica descansado, nada agressivo. Muito educado, até. A boa notícia é que, pelos vistos, tenho ar de prostituta de luxo. Perguntou-me se aceitava o Cartão Azul... Não sei, parece um homem de negócios... Deve ter contratado uma acompanhante para esta noite. Uma tal Emmanuelle, ao que parece... Não quis desiludi-lo e não tive coragem de lhe dizer que, na verdade, me chamo Gertrudes. *(O homem regressa.)* Bem, desculpa, ele está mesmo a voltar, tenho de desligar. Não, não te preocupes, também temos de nos divertir um pouco... Mas não demores muito, está bem...?

Guarda o telemóvel.

Um – Lamento imenso... O multibanco não está a funcionar...

Dois – Hoje não é mesmo a sua noite...

Um – Não...

Dois – Infelizmente, na minha profissão, imagine se começássemos a fiar aos clientes...

Um – Compreendo... Mas é muito aborrecido...

Dois – Sim... Suponho que fosse uma urgência.

Um – Normalmente recorro a profissionais; aceitam o Cartão Azul, mas desta vez... pensei que podia experimentar.

Dois – Portanto percebeu logo que eu era uma amadora.

Um – Desculpe, não queria ser ofensivo. Não estou de modo nenhum a pôr em causa as suas capacidades.

Dois – Não, não, não peça desculpa... Quase prefiro tomar isso como um elogio.

Um – E o que faz na vida? Já que este não é o seu verdadeiro trabalho...

Dois – Agora está a ser indiscreto...

Um – Desculpe, tem razão. É só que normalmente... Quero dizer... não estou habituado a encontrar mulheres como a senhora...

Dois – A sério?

O telemóvel dele toca.

Um – Desculpe... Sim? Como assim, Emmanuelle? Mas eu estou com ela neste momento... Ah... Não, então deve haver um mal-entendido... Está bem, fico à espera...

Dois – Algum problema?

Um – Não, não, eu... Tinha chamado um táxi e... a taxista disse-me que se chamava Emmanuelle e que estaria de azul.

Dois – Devia estar a falar da carroçaria...

Um – Da carroçaria?

Dois – Da carroçaria do carro... Do táxi...

Um – Claro... Olhe, estou verdadeiramente embaraçado... Deve ter sido um terrível mal-entendido. Embora, neste caso, «terrível» talvez não seja a palavra mais adequada...

Dois – Não me terá confundido com uma prostituta, pois não?

Um – Claro que não! Aliás, foi a senhora que...

Dois – Está a insinuar que sou eu que me tomo por prostituta?

Um – Não estou a dizer isso, mas... Admita que...

Ela olha na direção de uma silhueta que se aproxima na escuridão.

Dois – Muito bem, pode discutir isso com o meu marido. Aí vem ele, justamente...

Um – Mas... (*Olha na direção da pessoa que se aproxima.*) Além disso, não é o seu marido, é uma mulher. Deve ser a minha taxista. Emmanuelle? (*Supõe-se que a mulher passa sem parar.*) Não, pelos vistos não se chama Emmanuelle...

Dois – Decididamente, tem muitas fantasias com taxistas... E está a esquecer-se de um pormenor...

Um – Qual?

Dois – Não tem dinheiro vivo...

Um – Ah, pois, é verdade...

Dois – Da próxima vez, é melhor recorrer a uma profissional. Uma que aceite o Cartão Azul...

6. Pele-vermelha

Um – Já imaginou? Se aqueles miseráveis tivessem conseguido tomar a Bastilha em 1789...

Dois – Sim, senhor conde. Hoje a Bastilha não passaria de uma estação de metro e a bandeira francesa seria provavelmente tricolor...

Um – E em vez do nosso bom rei Francisco III, seria um plebeu a presidir aos destinos de França.

Dois – Mal me atrevo a imaginar em que estado estaria hoje o nosso reino.

Um – Graças a Deus, aquela revolução não passou de uma revolta.

Dois – Mais uma revolta camponesa, senhor conde.

Um – «Todos os homens nascem e permanecem iguais em direitos»... Imagine as loucuras a que semelhante máxima nos poderia ter conduzido! Em teoria, até se poderia imaginar que um negro chegasse a chefe de Estado.

Dois – Em França não, senhor conde. Também não é preciso exagerar. Mas é verdade que até dá arrepios. Quer que aumente um pouco o aquecimento?

Um – Vá mas é buscar-me os chinelos.

Dois – Sim, senhor conde.

Traz-lhe os chinelos.

Um – Obrigado, meu caro.

O outro estende-lhe um jornal.

Dois – Quer dar uma vista de olhos à imprensa?

Um – Le Connard Enchaîné... É um jornal novo?

Dois – Parece que sim.

Um – Com os tempos que correm, não lhe devem faltar leitores...

Dois – Se o senhor conde preferir, posso ler-lhe em voz alta.

Um – Não, obrigado. Aliás, já nem quero saber o que dizem os jornais. Para quê? Não percebo nada dessas guerras todas. Por que havemos de mandar os nossos exércitos combater no outro lado do mundo contra esses bárbaros, quando temos os ingleses mesmo aqui ao lado?

Dois – A Inglaterra já não é um reino, mas graças a Deus continua a ser uma ilha.

Um – Tem razão. Ainda bem que não os deixámos escavar aquele túnel sob o Canal da Mancha. Tenho a certeza de que hoje os ingleses teriam invadido a Normandia e cada um deles teria lá uma segunda residência.

Dois – Desde que a Inglaterra se tornou uma república, já não há um único gentleman naquele país.

Um – É evidente. Cortaram-lhes a cabeça a todos!

Dois – Como confiar em pessoas que comem ervilhas com hortelã?

Um – Na verdade, as coisas são muito simples, meu caro. A escola católica ensina-nos que o mundo se divide em quatro raças: branca, negra, amarela e vermelha. E é evidente que, se Deus criou uma raça branca, foi para que dominasse as outras três. Caso contrário, por que razão seria o branco a cor da realeza?

Dois – Claríssimo, senhor conde.

Um – O senhor, por exemplo, pertence à raça vermelha. Não lhe passaria pela cabeça contestar uma evidência dessas.

Dois – Claro que não, senhor conde.

Um – Foi um dos meus antepassados que trouxe a sua avó da América, numa das suas viagens às terras dos peles-vermelhas, no século passado. Evidentemente, não sabia que ela estava grávida; se soubesse, pode imaginar que a teria deixado por lá...

Dois – A menos que tenha sido o seu antepassado a engravidá-la na viagem de regresso. As travessias às vezes são longas e aborrecidas...

Um – Infelizmente, não é de todo impossível, meu caro. Isso explicaria por que razão o senhor não é assim tão vermelho e parece um pouco mais esperto do que a média das pessoas da sua espécie.

Dois – O senhor conde tem sempre uma explicação para tudo. Quer que lhe traga os comprimidos?

Um – Que comprimidos?

Dois – Os comprimidos para a memória, senhor conde.

Um – Comprimidos para a memória? Que curioso, tinha-me esquecido de que os devia tomar.

Dois – Foi para isso que o senhor conde me contratou.

Um – Para quê, meu caro?

Dois – Para lhe lembrar que tem de tomar os comprimidos.

Um – Ninguém me tira da cabeça que o senhor é mesmo um pele-vermelha. Mas não faz mal, fico consigo na mesma. Hoje em dia é tão difícil encontrar um bom criado.

Dois – O senhor conde é demasiado bondoso. *(Estende-lhe os comprimidos.)* Um, dois, três... E pronto: a conta certa.

O outro olha para os comprimidos.

Um – Tenho mesmo de engolir isto tudo?

Dois – Receio que sim, senhor conde. Veja: azul, branco, vermelho...

O outro toma os comprimidos um por um.

Um – Não sei porquê, mas o vermelho é sempre o que me custa mais a engolir...

7. Ousar o amarelo

Um – Amarelo?

Dois – Amarelo.

Um – E porquê amarelo?

Dois – E por que não amarelo?

Um – Não sei, mas mesmo assim. Amarelo é um pouco...

Dois – Um pouco o quê?

Um – Mas quando diz amarelo, é mesmo amarelo ou...?

Dois – Amarelo, amarelo. Só há um amarelo, não?

Um – Não, amarelo faz-me pensar em...

Dois – Em quê?

Um – Não sei, em...

Dois – Está a ver! Amarelo é amarelo.

Um – Amarelo, acha mesmo...?

Dois – Amarelo, tenho a certeza.

Um – Sim, amarelo, eu percebi, mas...

Dois – Vai ver, o amarelo é...

Um – Amarelo... É preciso ousar, mesmo assim...

Dois – Pois precisamente: ousemos o amarelo!

Um – Amarelo, está bem, mas... as pessoas estão preparadas para isso?

Dois – As pessoas nunca estão preparadas para o amarelo.

Um – Amarelo ou não amarelo...

Dois – Eis a questão.

Um – E se, em vez do amarelo, experimentássemos...?

O outro fulmina-o com o olhar.

Um – Amarelo, por que não? Mas então um amarelo...

Dois – Amarelo.

Um – Está bem. Amarelo.

8. Céu verde

Um – Viste? O céu está completamente limpo.

Dois – Sim. Veem-se milhões de estrelas.

Um – E acabaram de descobrir outra nova. (*Uma pausa.*) Sabes como é que eles nos chamam?

Dois – Quem?

Um – Aqueles lá, do lado da Via Láctea. Os que giram em torno daquela nova estrela que acabámos de descobrir. O Sol.

Dois – Ah, sim, aquele povo primitivo de que falaram ontem nas notícias. Os terráqueos. E como é que nos chamam?

Um – Os homenzinhos verdes.

Dois – Porquê homenzinhos?

Um – Vai-se lá saber...

Dois – E eles sabem que nós existimos?

Um – Vais rir-te, mas acham que estão sozinhos no universo.

Dois – Não me digas!

Um – Garanto-te.

Dois – Mas como é que podem chamar-nos homenzinhos verdes se acham que não existimos?

Um – É nos filmes de ficção científica deles. Aquilo a que chamam extraterrestres são sempre homenzinhos verdes. Mas, fora disso, na vida real, estão convencidos de que estão sozinhos no universo.

Dois – É incrível...

Um – Espera... Não é só acharem que são as únicas criaturas inteligentes do universo. Ainda estão a perguntar-se se um simples micróbio pode ter o direito de existir fora do próprio planeta.

Dois – Pois... Não sei quem pôs aqueles idiotas em órbita à volta do Sol, mas ainda têm muitas voltas para dar...

Um – Li um artigo sobre isso. A maioria dos terráqueos acredita que um Deus os criou a eles, sozinhos, naquele pequeno planeta daquele pequeno sistema solar daquela pequena galáxia.

Dois – O que é um Deus?

Um – Uma espécie de super-herói que, esse sim, claro, não existe fora dos contos infantis deles.

Dois – Portanto, acreditam na existência de um Criador sem terem nenhuma razão objetiva para pensar que ele possa existir, mas recusam-se a acreditar que outras criaturas possam povoar o universo?

Um – São primitivos, já te disse, obcecados com a ideia de encontrar uma causa primeira. Em vez de admitirem de uma vez por todas que o universo sempre esteve ali, de uma forma ou de outra, continuam a inventar religiões para explicar a sua origem.

Dois – E como é que explicam a origem do Deus deles?

Um – Não explicam. Chamam-lhe o mistério da Fé.

Dois – Portanto explicam o inexplicável com outro mistério...

Um – Custa a acreditar que possam ser tão idiotas. Tens razão. Ainda têm muitas voltas para dar...

Dois – Mas... temos a certeza de que os terráqueos ainda existem?

Um – O sinal vem de bastante longe... De uns milhares de anos-luz... Da última vez que tivemos notícias deles, já tinham conseguido transformar o planeta num aterro. Sem falar no facto de passarem o tempo a matar-se uns aos outros.

Dois – Não é nada certo que uns idiotas desses tenham conseguido sobreviver mais um milénio.

Uma pausa.

Um – De qualquer maneira, está uma noite magnífica. Nem uma nuvem. Viste? O céu está completamente verde.

Dois – Sim, amanhã vai estar bom tempo.

9. Laranja bem madura

Duas personagens. A primeira aproxima-se da segunda.

Um – Sabe por que é que o mandei parar.

Dois – Não...

Um – Passou no laranja.

Dois – No laranja? Quer dizer no amarelo?

Um – Laranja, amarelo... chame-lhe o que quiser, mas passou. Nega?

Dois – Posso ter passado no laranja, mas admita que os semáforos são muito mal feitos.

Um – Desculpe?

Dois – Por mais que uma pessoa comece a passar no verde, chega sempre um momento em que o semáforo muda do verde para o laranja. Portanto, às vezes, enquanto ainda estamos a passar no verde, o semáforo, por sua conta, passa para o laranja.

Um – Pois... Portanto não foi o senhor que passou no laranja, foi o semáforo. Talvez devesse multá-lo a ele. O que acha?

Dois – Isso é consigo...

Um – Está bem. Admitamos que passa no verde enquanto o semáforo passa para o laranja. O problema é que, quando o senhor passou no laranja, essa laranja já estava bem madura...

Dois – Isso não faz sentido nenhum!

Um – E por que não?

Dois – Porque uma laranja, por mais madura que esteja, continua a ser laranja. Já viu alguma laranja vermelha?

Um – Bem...

Dois – Uma laranja passa do verde, quando ainda não está madura, para o laranja quando amadurece. É precisamente por isso que se chama laranja.

Um – Não me estará a gozar, pois não?

Dois – De maneira nenhuma! E não fique azedo. Só estou a dizer que as cores têm importância. E esta multa sou eu que vou ter de engolir.

Um – Os seus documentos...

O outro entrega-lhe os documentos.

Um – Nasceu em Valência...

Dois – Não me vai multar por isso, pois não?

Um – Chama-se Clementina...

Dois – Sim, confesso.

Um – E trabalha no comércio grossista de fruta e legumes.

Dois – Tenho consciência de que pode ser considerado uma circunstância agravante.

Um – Agravante? Então reconhece os factos.

O outro pensa durante um instante.

Dois – Está bem, vinha um pouco embalado e passei no laranja. Deixe-me ao menos sair daqui com um bom sabor na boca...

10. Violetas

Duas personagens. Uma aproxima-se da outra com um pequeno ramo.

Um – Toma, como prova do meu amor, ofereço-te este modesto ramo...

Dois – Ah, sim... Modesto, sem dúvida...

Um – Já conheces a canção: «Um ramo de violetas...»

Dois – Sim, está bem, mas... onde é que arranjaste esse ramo?

Um – Bem... Apanhei-o no bosque... É a época das violetas.

Dois – A época das violetas? Está bem... Portanto, na verdade, não o compraste. Apanhaste-o no bosque...

Um – Sim, bem...

Dois – Portanto não te custou nada.

Um – Custou-me duas horas num engarrafamento para voltar do bosque, nos arredores da cidade.

Dois – Sim, está bem, não vamos brincar com as palavras. Não te custou nada.

Um – Isso não quer dizer que não tenha valor nenhum.

Dois – Ah, não?

Um – Podia revendê-lo.

Dois – Revendê-lo? Vendem-se ramos de violetas?

Um – Na época delas há sempre vendedores ambulantes a vendê-los à saída do metro.

Dois – E quanto achas que podias ganhar com o teu ramo de violetas?

Um – Não sei... Eles vendem-nos a dois euros...

Dois – Estás muito bem informado sobre os preços. Não terás comprado o teu ramo de violetas a um desses vendedores?

Um – E o que é que isso muda? De algum bosque vieram de certeza!

Dois – Dois euros?

Um – Na verdade, eram raminhos muito pequenos. Comprei dois para este parecer maior.

Dois – Podias ter-me oferecido um molho de rabanetes. Pelo menos podia comê-los!

Um – Pois, mas... o amor não é um molho de rabanetes... Pelo menos não é isso que diz a cantiga.

Dois – Porra, um ramo de violetas. Dois euros cada raminho, comprado na rua.

Um – Ao todo são quatro euros...

Dois – Comprado na rua!

Um – Pensei que, assim, ao mesmo tempo fazia uma boa ação...

Dois – Não pensaste antes que assim poupavas o preço de um ramo a sério, comprado numa florista a sério e caríssima?

Um – Bem, talvez um pouco também... Pensei que com a diferença podia convidar-te para um bom restaurante...

Dois – Um bom restaurante? O que é para ti um bom restaurante? Da última vez que me convidaste para jantar foi ao Burger King!

Um – Eh, já chega! Sabes que também podia oferecer este ramo de violetas a outra pessoa? A alguém que soubesse apreciar melhor o que ele vale...

Dois – Dois euros.

Um – Quatro!

Dois – O preço de uma dose grande de batatas fritas no Burger King.

Um – Mas tu só pensas em comer!

Dois – Ah, sim? Então sabes o que vou fazer com o teu ramo de violetas?

Arranca-lhe o ramo das mãos e começa a comer as violetas uma a uma, como se tirasse batatas fritas de um pacote.

Dois – Queres?

Um – São boas?

Dois – Comem-se.

Estende-lhe o ramo e o outro pega em algumas violetas e leva-as à boca.

Um – Obrigado.

Dois – De nada.

Os dois mastigam.

11. Preto é preto

Duas personagens. A primeira experimenta uma peça de roupa preta.

Um – Já não sei como me hei de vestir...

Dois – É assim tão importante?

Um – É curioso. Imaginei muitas vezes este momento. Que idade teria nessa altura. O que sentiria. Que frases definitivas diria para assinalar a ocasião.

Dois – Desconfio que tinhas algumas preparadas, para não seres apanhado desprevenido.

Um – E aqui estamos. Agora que chegou o momento, as questões materiais acabam por se sobrepor às existenciais... O que é que eu vou vestir?

Dois – Será que vai chover?

Um – Será que vieram todos?

Dois – O que é que eu lhes vou dizer?

Um – Pensava que, depois de me ver livre dele, me transformaria imediatamente noutra pessoa. Como por magia. Mas não. A vida continua...

Dois – Os mortos são como as estrelas. Também continuam a brilhar pela ausência.

Um – Estou a ver que tu também preparaste algumas frases inesquecíveis.

Dois – Não vais dizer que Armstrong improvisou quando pôs o pé na Lua. Ele também tinha o texto preparado.

Um – Notava-se um pouco, por acaso.

Dois – Era melhor astronauta do que ator... (*Aperta o nariz para imitar a voz transmitida na época.*) One small step for man...

Um – Pensava que a morte dele nos permitiria libertar-nos de uma certa forma de gravidade.

Dois – Ainda não estamos a flutuar no espaço, mas eu sinto-me um pouco mais leve.

Um – Devíamos fazer uma festa na véspera dos funerais. Fazemos despedidas de solteiro. Por que não uma despedida da infância?

Dois – Achas que uma pessoa deixa de ser filho no dia em que perde os pais?

Um – Só as crianças acreditam que um dia deixarão de ser crianças. Vais assim vestido?

Dois – Por que não? Estou como sempre.

Um – Precisamente, a ideia é não nos vestirmos como sempre. A roupa de luto é como a roupa de domingo ou o figurino de teatro. É preciso sentirmo-nos um pouco desconfortáveis dentro dela. Ajuda a representar o papel...

Dois – Estou com uns sapatos um pouco apertados... Depois de andar da igreja até ao cemitério, vão doer-me horivelmente os pés. Cuidado, ainda posso acabar por parecer mais triste do que tu.

Um – E se simplesmente não fôssemos?

Dois – A sério?

Um – Podíamos ir ver um bom filme... Uma comédia, de preferência...

Dois – O último cinema que havia por aqui fechou há mais de dez anos. Lembras-te? O Tahiti...

Um – Então vamos beber uma boa cerveja ao bar da esquina. Não me digas que também fechou.

Dois – Não vamos fazer isso.

Um – Não. Porquê?

Dois – Apesar de tudo, teríamos demasiado medo de perder alguma coisa fundamental.

Um – Ou de cometer um sacrilégio imperdoável que Deus, se existir, acabaria por nos fazer pagar caro, mais cedo ou mais tarde.

Dois – Faltar ao cemitério... É como passar por baixo de uma escada. Na verdade, não acreditamos que dê azar, mas ao mesmo tempo, o que custa dar uma pequena volta?

Um – Vão estar lá todos, vais ver.

Dois – Todos?

Um – Todos aqueles que só vemos em funerais.

Dois – Uma pessoa pergunta-se o que fazem entre dois enterros.

Um – Em cada funeral parecem ter envelhecido dez anos.

Dois – E pensamos que, da próxima vez, talvez sejamos nós que eles vão enterrar.

Um (*tirando outra peça de roupa*) – E se eu vestisse isto?

Dois – Também é preto...

Um – Parecia-me um pouco menos preto...

Dois – Preto é preto. Bem... Vamos?

Um – Vamos.

Saem.

12. Matéria cinzenta

A primeira personagem aproxima-se da segunda com uma vassoura numa mão e uma radiografia na outra.

Um – Professor, prepare-se para o Prémio Nobel da Física. O nosso laboratório acaba finalmente de identificar a famosa matéria escura de que, ao que parece, é composta uma boa parte do universo.

Dois – Não me diga...

Um – Essa matéria escura seria, na realidade, matéria cinzenta.

Dois – Matéria cinzenta?

Um – O cérebro de Deus, por assim dizer. Nós próprios não seríamos mais do que alguns neurónios. Há milhares de anos que o ser humano tenta pensar o universo. Hoje descobrimos que é o universo que nos pensa a nós.

Dois – Às vezes pergunto-me se ele não se terá esquecido um pouco de nós... E conseguiram visualizar essa matéria cinzenta? Porque, sabe, eu sou como São Tomé: ver para crer.

Um – Perfeitamente, professor. Veja.

Estende-lhe uma radiografia parecida com a de um cérebro.

Dois – De facto, é espantoso. Distinguem-se claramente os dois hemisférios...

Um – É isso o mais surpreendente desta descoberta, professor. A imagem que o nosso aparelho de imagiologia sintética acaba de nos fornecer é, neste ponto, de uma clareza ofuscante: o universo tem a forma de um crânio.

Dois – Sim... É muito curioso... Um crânio, de facto. Acho até que reconheço o meu...

Um – Isso quer dizer que... Professor, sempre o considereei um deus... Desde que me convidou para trabalhar aqui, no seu laboratório...

Dois – Receio, meu caro amigo, que o seu Prémio Nobel tenha de ficar para o ano. Esta é a radiografia do meu cérebro. Tenho uma consulta no hospital daqui a duas horas e ando à procura dela desde esta manhã.

Um – Professor, não nos esqueçamos de que as grandes descobertas nascem por vezes deste género de acidentes domésticos.

Dois – Nesse ponto estou de acordo consigo: pense em Newton e na sua famosa maçã.

Um – Este pequeno contratempo não deve afastar-nos de uma teoria que, tenho a certeza, vai revolucionar a história da astrofísica: não só o universo nos compreende, como nós compreendemos o universo. Ele contém-nos, mas nós também o contemos. Vou voltar ao trabalho...

Dois – Tente descansar um pouco, de qualquer maneira, meu caro amigo. Afinal de contas, está apenas a fazer um estágio no serviço de limpeza.

Um (*preparando-se para sair*) – Claro, professor. Mas sabe, quando uma pessoa está motivada...

Dois – E obrigado por me deixar as radiografias. Provavelmente ainda vou precisar delas...

Um – Vou voltar ao trabalho.

Sai. O outro volta a olhar para a radiografia.

Dois – Afinal de contas, a ideia nem é assim tão estúpida...

13. O quarto malva

O inspetor Ramirez (com um aspeto desleixado, à Columbo) chega à receção de um hotel de luxo. Aproxima-se do rececionista, que o vê chegar com ar altivo.

Rececionista – Se procura um lugar para passar a noite, meu caro, aconselhava-o antes a...

Inspetor – Inspetor Ramirez... Chamaram-me por causa de um roubo de joias.

Rececionista – Ah, sim... Desculpe, inspetor... De facto, foi o diretor que lhe telefonou. Esta tarde alguém entrou no quarto de uma das nossas clientes e roubou-lhe um colar avaliado em várias centenas de milhares de euros.

Inspetor (*pensativo*) – Estou a ver...

Rececionista – E... o que está a ver, exatamente?

Inspetor – É evidente que o ladrão faz parte do pessoal do hotel... ou da clientela.

Rececionista – O que lhe permite afirmar isso, inspetor Sanchez?

Inspetor – Ramirez.

Rececionista – Perdão?

Inspetor – Inspetor Ramirez. É o meu nome.

Rececionista – E... o que o leva a pensar que o culpado pode ser alguém do hotel?

Inspetor – Há um segurança à porta. Mesmo mostrando-lhe o meu distintivo da polícia, foi difícil convencê-lo a deixar-me entrar...

Rececionista (*irónico*) – É verdade. Está numa zona sem lei, inspetor, e nós também temos os nossos vigias. Hoje em dia, até para a polícia, pode ser tão difícil entrar no átrio de um hotel de luxo como num bloco de habitação social de um bairro problemático.

Inspetor – Portanto, é pouco provável que um desconhecido tenha conseguido entrar neste hotel sem ser imediatamente detetado. A fechadura do quarto foi forçada?

Rececionista – Não, não me parece...

Inspetor – Nesse caso, isso faz de si a principal testemunha deste caso, meu caro. Para não dizer o suspeito número um.

Rececionista – Mas, inspetor...

Inspetor – O senhor é o rececionista deste hotel. Tem as chaves de todos os quartos. Podia perfeitamente ter entrado num deles e servido-se.

Rececionista – Eu...? Servir-me...?

Inspetor – Além disso, estava numa posição ideal para conhecer as entradas e saídas dos clientes. Podia ter agido sem receio de ser incomodado...

Rececionista – Garanto-lhe, inspetor, que nunca...

Inspetor – Tem as chaves de todos os quartos, sim ou não?

Rececionista – Claro que sim! Faz parte das minhas funções! Quando um cliente sai temporariamente do hotel, deixa a chave na recepção. Eu penduro-a imediatamente no painel até ele regressar, e pronto...

O inspetor observa com curiosidade o painel em forma de arco-íris atrás do rececionista.

Inspetor – Porquê um arco-íris? É um hotel gay-friendly?

Rececionista – Cada quarto deste hotel tem o nome de uma cor. Há o quarto azul, o amarelo, o cor-de-rosa, o verde, o...

Inspetor – Sim, está bem, acho que já percebi o sistema...

Rececionista – A chave de cada quarto tem um porta-chaves da cor correspondente. E cada porta-chaves ocupa naturalmente o seu lugar neste painel multicolor. O roubo aconteceu no quarto malva. Mas juro-lhe, inspetor, que...

O inspetor acena com a cabeça, desconfiado.

Inspetor – Nesse caso... parece-lhe possível que outra pessoa, um cliente do hotel, por exemplo, tenha podido... pegar nessa chave sem que o senhor desse por isso e voltar a pô-la no lugar depois de cometer o roubo?

Rececionista (*embaraçado*) – Para tranquilidade dos nossos hóspedes, gostaria de poder dizer-lhe que não, inspetor. Mas a honestidade obriga-me a admitir que não é totalmente impossível.

Inspetor – Ora essa...

Rececionista – Às vezes tenho de me ausentar alguns instantes da recepção para resolver algum problema...

Inspetor – E esta tarde teve muitos problemas para resolver?

Rececionista – Por volta das quatro saí um ou dois minutos para fumar um cigarro. E outra vez, por volta das cinco, para ir à casa de banho...

Inspetor – Duas ausências do posto no mesmo dia, portanto... (*O rececionista faz um ar mortificado.*) E notou alguma coisa de estranho?

Rececionista – Da primeira vez não vi nada. Mas da segunda, quando voltei, reparei que a chave do quarto malva estava pendurada no lugar da do quarto castanho. Na altura não liguei, embora eu próprio nunca cometa esse tipo de erro.

Inspetor – E que conclusão tirou desse incidente?

Rececionista – Nenhuma! Voltei a pôr a chave no sítio e acabou-se. Mas, depois do que aconteceu... sim, é possível que alguém tenha pegado na chave do quarto malva durante o tempo em que estive ausente...

Inspetor – Estou a ver... Talvez alguém do pessoal?

Rececionista – O roubo aconteceu a meio da tarde, por isso o pessoal da limpeza fica excluído, porque só tem acesso aos quartos até às duas.

Inspetor – Muito bem... Resta então interrogar os clientes do hotel. A começar pela vítima. A ocupante do quarto malva...

Rececionista – Ah, tem sorte, inspetor... Aí vem ela precisamente... É a viúva de um rico armador suíço.

Inspetor – Não sabia que havia armadores naquele país. Que eu saiba, a Suíça não tem mar...

Rececionista – Também tem mais bancos do que habitantes e, no entanto, praticamente não fabricam nada.

Inspetor – Talvez sejam cargueiros fictícios a navegar sob bandeira de conveniência...

Rececionista – Pode perguntar-lhe o senhor mesmo, inspetor...

Inspetor – Boa tarde, minha senhora... Os meus cumprimentos. Estou aqui para investigar o roubo de que foi vítima. Teria a amabilidade de responder a algumas perguntas?

Viúva – Como cidadã suíça, colaborar com a polícia é para mim uma segunda natureza. Pode perguntar-me o que quiser, desde que não tenha nada a ver com o segredo bancário. Nesse caso, ficarei muda como um cofre. *(Tira um bombom da mala e oferece-lho.)* Um bombom, inspetor? Têm licor...

Inspetor – Nunca em serviço, obrigado... Diga-me... A que horas saiu do quarto esta tarde?

Viúva – Vejamos... Saí do hotel por volta das duas e meia para visitar uma amiga que está a passar por uma fase difícil.

Inspetor – Talvez o marido a tenha deixado...

Viúva – Sim, pode dizer-se assim. Acabaram de o prender por desvio de fundos da empresa. Contava com a imunidade parlamentar para escapar à justiça, mas infelizmente não foi reeleito...

Inspetor – Os eleitores são tão volúveis... Já não se pode confiar em ninguém. Infelizmente, a senhora acabou de o comprovar...

Viúva – Em todo o caso, tenho a certeza de que o meu colar ainda estava na gaveta quando saí. Hesitei em pô-lo, mas acabei por deixá-lo lá.

Inspetor – Mesmo assim, foi bastante imprudente da sua parte não guardar uma joia desse valor no cofre do hotel.

Viúva – Reconheço, inspetor. Mas o que quer que lhe diga... *(Lança um olhar acusador ao rececionista.)* Pensei que num estabelecimento desta categoria... Mais alguma pergunta?

Inspetor – Não... Quer dizer, sim... Pode confirmar-me que a Suíça não tem mar?

Viúva – Senhor inspetor, temos melhor do que o mar... Temos o lago de Genebra!

Inspetor – Obrigado, por agora é tudo. *(A viúva afasta-se.)* Pelos vistos, o desaparecimento do colar não a perturbou assim tanto...

Rececionista – A dimensão da fortuna dela permite-lhe relativizar a perda. E o seguro provavelmente irá indemnizá-la apesar da negligência. Eu, pelo contrário, por causa de uma simples infiltração tive de lutar com a minha seguradora para... Desculpe, estou a desviar-me do assunto.

Inspetor – Bem, então terei de interrogar todos os outros hóspedes do hotel...

Rececionista – Para não prejudicar a reputação do nosso estabelecimento, agradecia-lhe que poupasse aos nossos clientes a humilhação de uma convocatória para a esquadra. A menos, claro, que existam suspeitas muito fortes sobre algum deles.

Um homem passa diante da receção. O inspetor olha para as meias dele, que são de cores diferentes.

Inspetor – Não se preocupe, talvez não seja necessário. *(Chamando o homem.)* O senhor?

Cliente – Sim...?

Inspetor – Inspetor Martinez...

Rececionista – Julgava que era Ramirez...

Inspetor – Importa-se de responder a algumas perguntas?

O homem aproxima-se com cautela.

Inspetor – Posso ver as suas mãos?

Rececionista – Não me diga que também lê as linhas da mão...

O cliente, surpreendido, estende as mãos. O inspetor põe-lhe imediatamente as algemas.

Cliente – Mas, inspetor!

Rececionista – Ainda bem que lhe pedi para ser diplomático...

O inspetor revista o bolso do homem e tira de lá um colar, sob o olhar estupefacto do rececionista.

Cliente – Como soube que tinha sido eu?

Inspetor – No painel da receção, o ladrão devolveu a chave do quarto malva no lugar da chave do quarto castanho. *(Ao rececionista.)* Na sua opinião, porquê?

Rececionista – Talvez estivesse com pressa...

Inspetor – Ou talvez porque era daltónico!

Cliente – Mas então como soube que eu era daltónico?

Inspetor – Assim que passou por mim, meu amigo... e eu vi as suas meias.

Cliente – As minhas meias?

Inspetor – Não são da mesma cor!

Rececionista – Bravo, inspetor. Quando o vi chegar há pouco pensei que fosse um pouco limitado... Tenho de reconhecer que estava muito longe da verdade.

14. Bem douradinho

Charles, sentado num cadeirão, lê um jornal de esquerda com um cachimbo apagado na boca. Veste uma camisola às riscas de marinheiro e um boné. Rosalie, despenteada e com a roupa desalinhada, entra da rua com um saco na mão.

Rosalie – Foi por um triz... Fiquei com o último.

Charles – O último quê?

Rosalie – O último bolo-rei da pastelaria! Só restava um...

Charles – Ah, sim... O bolo-rei... Mas parece enorme.

Rosalie – Não havia escolha. É um bolo-rei para doze pessoas.

Charles – Para doze? Somos três... E isso se o Fred não nos deixar pendurados, como no ano passado...

Rosalie – Era o último, já te disse! Tive de lutar por ele!

Charles – Está bem, está bem, não te enerves...

Rosalie – Não me estou a enervar, estou só a explicar-te.

Charles – Podemos sempre congelar metade para o ano que vem...

Rosalie – O quê?

Charles – Se este ano ninguém encontrar a fava... ninguém fica obrigado a comprar o bolo do ano que vem. Assim já temos o do próximo ano.

Rosalie – Tu estás bom da cabeça?

Charles – Então comemos seis fatias de bolo-rei cada um.

Rosalie – Ele telefonou a dizer que não vinha?

Charles – Não.

Rosalie – Então pronto.

Charles – Nesse caso, devia acabar de corrigir estes testes antes de ele chegar...

Rosalie – Vais trabalhar? É sábado...

Charles – Já me obrigas a celebrar a Epifania; não hás de querer também que eu respeite o shabat. Sou professor da escola pública, um cruzado do laicismo...

Rosalie – Que disparate...

Charles – Hás de admitir que, para uma professora comunista, esta história do bolo-rei não é muito ortodoxa.

Rosalie – Ah, não? E porquê?

Charles – A Epifania, os Reis Magos... É uma tradição católica!

Rosalie – Nada disso! É uma tradição pagã de que os católicos se apropriaram. Como de muitas outras, aliás.

Charles – Uma tradição pagã...?

Rosalie – Claro! Antes de ser uma celebração da Natividade, era simplesmente uma celebração da fertilidade.

Charles – Estou a ver... Daí a expressão «pôr o Menino Jesus na manjedoura», suponho...

Rosalie – Aí estás a confundir o Natal com a Epifania.

Charles – Os bolos-reis também vêm bem recheados.

Rosalie – Este está cheio de frutos secos e cristalizados...

Charles – De qualquer maneira, se lhe chamam Dia de Reis... Não me tiras da cabeça que isso não soa muito republicano.

Rosalie – Bem... Entretanto, guarda o jornal, capitão Haddock.

Charles – Eu estava mais a tentar parecer-me com Estaline, mas enfim...

Rosalie – Deixaste de fumar há cinco anos. Já podias largar também o cachimbo. Mesmo apagado...

Charles – É o meu cigarro eletrónico. Pelo menos eu não emito gases com efeito de estufa.

Rosalie – Isso dizes tu.

Dobra o jornal e levanta-se.

Charles – Estou-te a dizer que ele não vem.

Rosalie – E por que não havia de vir?

Charles – Passar um sábado a comer bolo-rei com os velhos pais... Não achas que, na idade dele, tem outras coisas para comer?

Rosalie – Exageras. Continua a ser o nosso menino.

Charles – O nosso menino... Cresceu, sabes?

Rosalie – Para mim será sempre um bebé...

Charles – Acho que já está na altura de tirar os peluches da cama dele.

Rosalie – Achas? *(Uma pausa.)* Às vezes pergunto-me se fizemos bem em tê-lo tão tarde...

Charles – Achas que ele não é normal?

Rosalie – É ator... E ainda não se casou... Não sei... Achas que pode ser um pouco...?

Charles – Um pouco o quê?

Batem à porta.

Rosalie – Ah... Estás a ver? Ele veio!

Entra Fred. Veste um fato ridículo e uma máscara, como um super-herói de série B. Beija a mãe.

Rosalie – Já estávamos a ficar preocupados.

Beija o pai.

Fred – Porquê?

Charles – A tua mãe comprou um bolo-rei para doze.

Rosalie – Vou pô-lo um bocadinho no forno, fica melhor.

Fred – Não vai demorar muito? Não tenho muito tempo...

Rosalie – Estás sempre com pressa... Não, é só um minuto.

Fred – Num micro-ondas, talvez, mas nesse forno a gás pré-histórico...

Rosalie sai com o bolo-rei.

Charles – Então estás a trabalhar aqui perto.

Fred – Tenho uma rodagem a três quarteirões daqui. Vim entre duas cenas.

Charles – E o que é? Um filme de autor?

Fred – Um episódio de A vida mais idiota.

Charles – A vida mais idiota? Não conhecia.

Fred – É uma série. Estamos a filmar o episódio-piloto.

Charles – E tens um papel importante?

Fred – Sou o duplo do protagonista. Para as cenas perigosas...

Charles – Não é um filme pornográfico, pois não?

Fred – Pai... Sou duplo de ação!

Charles – Na cama também há cenas perigosas...

Rosalie regressa.

Rosalie – Fica pronto em cinco minutos. De que é que estão a falar?

Charles – De cinema...

O telemóvel de Fred toca e ele atende.

Fred – Sim? Bem... Não, não... Está bem, vou já... (*Guarda o telemóvel.*) Desculpem, tenho de ir...

Rosalie – Mas porquê?

Fred – O ator que eu substituo... é agorafóbico... Por isso precisam de mim para uma cena no metro...

Rosalie – Mas... o bolo-rei está quente!

Fred – Desculpem... Fica para o ano... The show must go on...

Sai precipitadamente.

Rosalie – Ator...

Charles – Ele não é ator, é duplo de ação.

Rosalie – Duplo de ação... Ainda é pior do que ser ator, não é?

Charles – Tom Cruise faz ele próprio as cenas perigosas.

Rosalie – E quando anda de metro, de certeza que vai em cima da carruagem.

Charles – Bem... Agora só nos resta comer o bolo-rei.

Rosalie – Um bolo-rei para doze...

Charles – E nós não temos duplos.

Rosalie – Começemos com uma fatia cada um. E assim que um de nós encontrar a fava, paramos, está bem?

Charles – Se não morrermos antes de indigestão.

Rosalie – Com um pouco de azar, a fava aparece logo... Deixemos o azar decidir.

Charles – Tenho a sensação de que vamos jogar à roleta-russa...

Rosalie – Vou buscar as munições.

Sai.

Charles – Ela tem razão quanto ao Fred... Pergunto-me se ele não será um pouco... idiota.

Ela regressa com o bolo-rei.

Rosalie – Um pouco o quê?

Charles – Não, eu dizia... Sim, parece bem recheado.

Rosalie – Abrimos uma garrafa de sidra para ajudar isto a descer?

Charles – Vamos a isso, vivamos perigosamente!

15. Está tudo claro

Maria está diante do inspetor Ramirez.

Maria – É o que eu ganho por ser honesta! Mais valia ter deitado aquela carteira ao lixo.

Ramirez – Portanto, continua a afirmar que a encontrou no chão, atrás de um banco, no seu local de trabalho?

Maria – Claro, porque é a verdade!

Ramirez – No entanto, quando os meus colegas a mandaram parar na rua para um controlo de rotina, a carteira estava na sua mala. Mais de três dias depois de o proprietário ter participado o desaparecimento...

Maria – Preferi guardá-la durante algum tempo, caso alguém voltasse ao estabelecimento à procura dela. Mas estava precisamente a caminho da esquadra para a entregar!

Ramirez – Claro...

Maria – É o que fazem os preconceitos... Os seus colegas também não quiseram ouvir-me. Pelos vistos, tenho antecedentes e a polícia não tem propriamente uma grande opinião a meu respeito...

Ramirez – Admita que isso também não é mentira...

Maria – Podem não ter grande opinião de mim... Mas não por eu ser carteirista!

Ramirez – Se tivesse aberto a carteira, teria podido identificar facilmente o dono e telefonar-lhe. Havia lá dentro um cartão de visita.

Maria – Eu não sou polícia! Uma carteira é uma coisa privada. Como uma mala. E além disso também não toquei no dinheiro. Não falta um único euro. Pergunte a esse homem se lhe falta dinheiro na carteira!

Ramirez – Vamos perguntar-lhe juntos. Porque nós telefonámos-lhe. Aliás, deve chegar a qualquer momento.

Maria suspira, aliviada.

Maria – Então pronto! Vai ficar contentíssimo por recuperar os documentos. Vai ver que me agradece. Quem sabe, talvez até me dê uma pequena recompensa...

Ramirez – Não se alegre demasiado cedo... Ele apresentou queixa.

Maria – Uma queixa? Porquê?

Ramirez – Por roubo por esticção.

Maria – Está a dizer que fui eu que lhe arranquei a carteira?

Ramirez – A senhora ou outra pessoa. Vamos ver. É para isso que servem os reconhecimentos...

Maria – Então não há problema nenhum. Não pode reconhecer-me porque não fui eu que lhe roubei a carteira.

Ramirez – Se a senhora o diz...

Maria – Vai ver... Ele vai dizer que não fui eu e vai pedir-me desculpa. O senhor também, espero...

O inspetor lança-lhe um olhar eloquente. O telemóvel toca e ele atende.

Ramirez – Sim, Sanchez... Está bem, mande-os entrar... *(Voltando-se para Maria.)* Chegou a hora da verdade...

Entra um homem de certa idade, muito digno, acompanhado pela mulher, de aspeto bastante mais severo. Ramirez levanta-se para os receber.

Ramirez – Entrem, por favor.

Homem *(constrangido)* – Obrigado, inspetor...

Mulher *(ao ver Maria)* – Então é ela...

Maria – Sim, fui eu que encontrei a carteira do seu marido. Boa tarde, senhor...

Homem *(timidamente)* – Minha senhora...

Maria *(a Ramirez)* – Vê-se logo que não é o género de homem que mandaria uma inocente para a prisão.

Ramirez – Bem, senhor Delamare... Reconhece esta mulher?

O homem hesita, cada vez mais constrangido.

Homem – É que...

Maria – Eu, pelo contrário, tenho a impressão de já o ter visto em algum lado. No trabalho, talvez. Mas passa tanta gente por lá...

Mulher – Vá, diz de uma vez. Diz que foi ela!

O homem parece extremamente constrangido.

Ramirez – Senhor, estou a ouvi-lo... Foi esta mulher que lhe roubou a carteira, sim ou não?

Homem – Eu... Não me lembro muito bem... Estava escuro...

Ramirez – Escuro? O senhor declarou que o roubo tinha acontecido em plena luz do dia! Que eu saiba, não houve nenhum eclipse por aqui nos últimos dias...

Homem – Não, não, claro... Eu disse escuro... Na verdade fui eu que... fiquei em branco. Quero dizer que tudo aconteceu muito depressa. De qualquer modo, esta pessoa não foi quem me atacou, inspetor...

O inspetor não parece convencido.

Ramirez – Tem a certeza?

Homem – Absoluta.

Maria – Está a ver? Aí tem!

Ramirez – Lembro-lhe, senhor Delamare, que apresentou queixa contra desconhecidos.

Maria – Contra desconhecidos?

Ramirez – Se esta declaração tiver apenas como objetivo evitar que esta mulher tenha problemas com a justiça, estaríamos perante um falso testemunho.

O homem lança um olhar inquieto à mulher e acaba por decidir falar.

Homem – Olhe, menti antes. *(A mulher fulmina-o com o olhar, mas ele continua.)* Ninguém me roubou a carteira. Na verdade... perdi-a...

O inspetor leva um instante a assimilar a informação antes de responder num tom severo.

Ramirez – Nesse caso, trata-se de uma denúncia falsa. É muito grave, sabe? Pode ser processado... Por que mentiu?

O respeitável homem idoso parece um pouco perdido.

Homem – Quando contei à minha mulher que tinha perdido a carteira, ela aconselhou-me a dizer que tinha sido roubada. Era mais simples para o seguro me indemnizar, percebe?

Mulher *(constrangida)* – Pensei que quem encontrasse a carteira ficasse com ela...

Ramirez – É o que costuma acontecer, de facto...

Mulher *(novamente agressiva)* – Além disso, pensei que a polícia tivesse coisas mais importantes para fazer do que ocupar-se de um roubo tão pequeno... Com tudo o que se passa ultimamente...

Ramirez – Infelizmente para vocês, ainda há pessoas honestas. E às vezes a polícia faz bem o seu trabalho... *(O homem, envergonhado, olha para os sapatos.)* Bem... Desta vez não vou tomar medidas legais contra vocês...

Mulher – Obrigada, senhor inspetor...

Homem – Pedimos-lhe desculpa, inspetor. A sério...

Maria – Ora essa! E a mim? Ninguém me pede desculpa?

O inspetor inclina-se sobre a participação.

Ramirez – Mas há uma última coisa que me intriga, senhor Delamare... O senhor declarou que este roubo imaginário tinha acontecido na rua, perto de sua casa.

Homem – A minha mulher e eu vivemos ali perto...

Ramirez – No entanto, esta senhora encontrou a sua carteira, completamente intacta, debaixo de um banco no estabelecimento onde trabalha, em pleno centro da cidade. Ela não foi lá parar por acaso...

Homem – Eu... Não sei, inspetor.

Ramirez – Também tinha alguma razão para mentir sobre o lugar onde perdeu a carteira?

A mulher, severa, olha surpreendida para o marido, também à espera de uma explicação.

Maria – Ah, claro! Já me lembro de onde conheço este velho tarado. Do trabalho!

A mulher volta-se para Maria.

Mulher – Do trabalho? Teria a amabilidade de me dizer, minha cara senhora, em que tipo de estabelecimento exerce os seus talentos?

Maria – Sou stripper! Trabalho num cabaré!

A mulher lança um olhar assassino ao marido.

Ramirez – Acho que agora sim, está tudo claro...

16. A preto e branco

Duas personagens olham para o céu, ao fundo da sala. A segunda deverá ser, ou parecer, mais velha do que a primeira.

Um – Nunca tinha visto nada assim. O que é?

Dois – Chama-se arco-íris...

Um – Um arco-íris?

Dois – É um fenómeno bastante raro que às vezes acontece quando o sol volta a aparecer muito depressa depois da chuva. Hoje em dia é cada vez mais raro. Já quase nunca vemos o sol...

Um – É lindo. Todos esses tons de branco, cinzento e preto.

Dois – Sim... Antigamente era ainda muito mais bonito.

Um – Mais bonito?

Dois – Era a cores.

Um – A cores? Queres dizer como no cinema, quando alugamos uns óculos para ver o filme a cores e em 3D?

Dois – Exatamente. No tempo da minha bisavó, era o cinema que estava a preto e branco e em 2D. A vida tinha relevo e era a cores. Agora é ao contrário.

Um – A sério? Custa-me imaginar... Então, naquela época, o mundo inteiro era colorido? O que aconteceu?

Dois – Foi acontecendo aos poucos. Ninguém deu por isso. Começaram por nos fazer pagar a água que bebemos. Depois fizeram-nos pagar o ar que respiramos. E agora também é preciso pagar um bilhete de cinema para ver a vida a cores.

Um – Um arco-íris a cores? Na realidade mesmo?

Dois – Parece inacreditável.

Um – E ainda há pessoas que veem a vida a cores?

Dois – Alguns privilegiados, sim. Mas não está ao alcance de toda a gente e custa uma fortuna...

Um – Então era preciso conseguir voltar atrás.

Dois – Sim... Era preciso poder rebobinar. Para descobrir em que momento começaram a enganar-nos... Saber onde e quando é que tudo começou a ir para o inferno...

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 120 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele Encontro na plataforma
EuroStar Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto No fim da linha
O Joker
O Roupão Os Náufragos do Costa
Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências Um pequeno passo
para uma mulher, um salto no vazio
para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa Crise e
Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Apocalypse
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem sentido proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seus sites :

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2026

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-474-0

Documento para download gratuito